

# **JOÃO SAPATEIRO E O PERFIL DE SUAS OBRAS NA LITERATURA SERGIPANA**

**SANTOS**, Josivania Dantas dos

negsantos@ig.com.br

**SILVA**, Cíntia Santos da

cintialetras@hotmail.com

**SILVA**, Débora Rocha Amarante

debloveeri@hotmail.com

**MATOS**, Luís Manuel Estrela de (Orientador)

Graduado em Comunicação Social, Mestre em Literatura Brasileira e Professor do  
Curso de Letras da Universidade Tiradentes - UNIT

## **RESUMO**

O objetivo do presente artigo é analisar algumas obras literárias do poeta sergipano João Silva Franco “João Sapateiro”. Tal trabalho engloba uma pesquisa acerca das obras do autor, ressaltando o fato de que a maioria dos dados obtidos foi colhida através de conversas com o próprio poeta, já que há uma considerável escassez em torno de suas obras nas bibliotecas sergipanas, bem como de sua bibliografia. A análise será feita em torno de duas vertentes. Na primeira, algumas poesias do autor serão interpretadas e co-relacionadas com sua vida pessoal. Em seguida, suas obras serão interpoladas ao contexto histórico da literatura sergipana na época em que suas produções foram realizadas e a falta da divulgação dessa literatura até os dias atuais.

**Palavras-chave:** João Sapateiro; Laranjeiras; literatura sergipana; poesia; crítica.

Laranjeiras é uma cidade de traços culturais fortes, marcantes. Essa cidade, que primou sua economia no comércio de escravos e na cana-de-açúcar traz em seu bojo a atualidade, muita religiosidade, estampada em suas famosas igrejas, como a Igreja do Senhor do Bomfim, localizada no Alto do Bomfim e que propicia a todos uma visão belíssima da cidade.

Nessa encantadora cidade, no centro, num pequeno sobrado vive o poeta João Silva Franco, conhecido como “João Sapateiro” e reconhecido como cidadão Laranjeirense.

Nascido em 20 de junho de 1918, João Silva Franco, aos 18 anos fixou residência em Laranjeiras, um lugar que serviu de cenário para muitas de suas poesias.

Tendo estudado apenas até o 1º ano do ensino fundamental, “João Sapateiro” não teve as oportunidades que muitas outras crianças tiveram ao entrar na escola. Precisava trabalhar para ajudar nas despesas da casa. Foi alfabetizado aos 12 anos, e aos 19 começou a desenvolver o dom da escrita. Sempre amante da literatura, gostava muito das histórias do Alexandre Dumas, citando “O Conde de Monte Cristo” como sendo a sua favorita. Mesmo nunca tendo estudado gramáticas, lia muito à noite já que trabalhava. Começou suas produções literárias em 1939, e em 1950 teve sua primeira poesia “CÂNTICO” publicada no jornal “Correio de Propriá”.

Nos anos 50, o escritor, através da revista “A Carioca”, conseguiu levar seus poemas para o exterior através de correspondentes internacionais que levavam suas obras para Angola, Moçambique, Portugal e Espanha. Esse processo de correspondências durou até 1967, tendo ele perdido o contato com seus mensageiros.

Com um acervo de mais de mil livros, “João Sapateiro” teve que vendê-los para ajudar na compra de uma casa, um lar onde moraria com sua esposa e filhos.

Em 1982 publicou o livro “Verdades” de poesias e trovas, tendo o apoio da Subsecretaria de Cultura do Estado de Sergipe. Teve os seus poemas divulgados nos jornais “Cor-

reio de Propriá”; “Alavanca”, “A Voz dos municípios” e “O liberal” em Laranjeiras; “Colar de Trovas” em Campinas e “O Pau D’arco” em Fortaleza. Concedeu entrevistas à TV Aperipê, canal 2, em Aracaju e à TV Globo no Rio de Janeiro. Foi premiado com seus poemas em Laranjeiras e no Espírito Santo; teve menções honrosas em Laranjeiras e Aracaju.

As obras de “João Sapateiro” vistas em seus poemas cantados e de certa influência cordelista são visualizáveis, concretos. A sua imaginação rica e de extensão infinita, transporece em seus versos simples, porém profundos.

Não é necessário para partir à descoberta de escolher, com grande reforço de regras, mesmo ditadas pelo gosto, um fato classificado como sublime. Podemos partir de um fato cotidiano: um lenço que cai pode ser para o poeta a alavanca com a qual ele levantará todo um universo.

(APOLLINAIRE, 1918, p. 163).

É possível se perceber através dessa citação o que a própria poesia de João Sapateiro talvez queira mostrar. As suas poesias abordam temas simples, seu vocabulário é corriqueiro, de fácil compreensão, e a poesia para quem escreve é assim, algo que brota muitas vezes de algo aparentemente comum. Ao se avaliar a citação não é difícil tecer qualquer tipo de comparação, mesmo em se tratando de um poeta popular e pouco difundido culturalmente.

Uma literatura cotidiana, mas que engloba uma infinidade de recursos, uma prova viva de que a poesia não carece de grandes recursos lingüísticos para ser bela, mas que possui o dom de sensibilizar.

Diuturnamente.  
Você mente,  
Finge que não sente  
Nosso amor ter fim;  
Sofre internamente  
E tem riso aparente,  
Quando realmente,  
Padece por mim!

Em sua presença  
Mostro indiferença,  
Pra que lhe convença  
Que estou muito bem;  
Com sua partida,  
Amante querida,  
Minha triste vida  
Sentido não tem!

Eu nunca lhe esqueço  
Sofro e não mereço  
E muito padeço  
Por muito lhe amar  
Se estou soluçando  
E você chorando;  
Sigamos brigando  
Sem nos separar.

(FRANCO, 1975, p. 15)

Questões sociais e políticas também são encontradas em suas trovas, uma literatura não somente voltada para o entretenimento, mas também para denúncias. É a que se pode perceber em trechos de algumas de suas trovas encontradas no livro “Verdades”.

Ninguém conhecia guerra  
Atrocidade e matança:  
Se todo homem da terra  
Pensasse como criança.

Porque só ganha presente  
Quem tem pai que tem riqueza;  
Para criança carente  
O natal só traz tristeza!

Uma certeza se faz  
Na decisão do juiz:  
Quem muito dinheiro traz  
Está certo no que “diz”.

Eu só queria poder  
Viver toda a vida assim,  
Bem contente só por ter,  
Você pertinho de mim.

Uma coisa que acontece  
Que de tristeza nos cobre:  
É vê pobre que enriquece  
Repudiar quem é pobre.

Com pouco fico contente;  
Pra eu ser feliz sempre disse:  
Bastaria ter, somente,  
As carícias de Clarice.

(FRANCO, 1977, p. 40)

Através de suas obras, nota-se uma visão crítica de mundo, uma visão que independente de estudo, que fora adquirida através de experiências reais e cotidianas. A linguagem simples de seus poemas conseguia transmitir fatos corriqueiros que acometiam a muita gente. O interessante é o fato de que talvez essas pessoas que pudessem se identificar com o que viessem a ler, raramente poderiam desfrutá-las. As criaturas humilhadas, pobres e esquecidas

retratadas nos poemas de João Sapateiro, dificilmente poderiam se identificar ali, pois em sua grande maioria não sabiam ler.

A visão universal do amor é também enaltecida nas poesias de João Silva Franco. Nelas, o amor é descrito de maneira muito simples e concreta, fácil de ser visualizado e sentido.

Eu quero muito que você me quera,  
O quanto a quero, com amor ardente!  
E não me tenha amor de brincadeira,  
Assim, tão frio... Quase indiferente.

Eu gostaria que de mim gostasse  
O quanto eu gosto de você somente,  
E com carinho muito me beijasse  
Como lhe beijo, fervorosamente!

Eu quero muito que você me abrace,  
Com ansiedade tão sofregamente  
Que transpareça em sua linda face  
O escarlate do sangue fervente!

Eu gostaria que feliz ficasse,  
O quanto eu fico com você presente,  
E não fingisse com este disfarce  
Que representa mentira patente.

Eu quero muito que você, um dia  
De amor me fale com sinceridade,  
Sem fingimento e sem fantasia,  
Quero amor puro, com sublimidade!

Eu gostaria que você jurasse,  
Que tem por mim amor muito  
profundo;  
Tudo fizesse pra que me julgasse,  
O venturoso mais feliz do mundo!

(FRANCO, 1985, p.28)

Nessa poesia, o amor é expresso através do desejo da necessidade de se sentir amado. O amor puro é exaltado com simplicidade, como se fosse a única fonte no mundo de felicidade.

Eu quero muito que você me abrace,  
Com ansiedade tão sofregamente  
Que transpareça em sua linda face  
O escarlate do sangue fervente!

O desejo exacerbado do abraço, a ansiedade, o sofrimento, o esquentar do sangue. Uma mistura de desejo e desespero que se fundem num processo de calma e inquietação lineares, externando um eu fortemente intrínseco que se vê obrigado a externar-se pela necessidade de amor para que possa ser feliz. Um sentimento de universalidade indiscutível.

Tendo levado uma vida difícil como engraxate e sapateiro, João Silva Franco enaltece o engraxate numa de suas poesias, talvez numa tentativa de se auto projetar ali, ou ainda talvez num desejo de homenagear a outros engraxates que sabem, assim como ele, como é o ofício. E esses traços que caracterizam angústia real transpõem de forma lírica, e em versos rimantes o poema “Auto-Retrato”.

Pobre menino engraxate,  
Que vive sem alegria.  
A vida muito lhe bate,  
Com grande selvageria...

Vestido em sujos farrapos!  
passando necessidade.  
Você engraxa sapatos,  
Pelos ruas da cidade.

Nunca implorou esmola,  
Nem tem jeito pra roubar.  
Nunca freqüentou escola,  
Porque não pode estudar.

A fome você combate,  
Comendo banana ou pão.  
Desventurado engraxate,  
Que dorme à toa, no chão.

Triste menino sofrido  
Que vive de deu em deu...  
Na terra foi esquecido,  
Não foi visto pelo "céu."

(FRANCO, 1975, p. 7)

Percebe-se no poema um sentimento de tristeza e impotência de quem nada pode fazer para mudar uma situação de miséria. Afirmar que o autor talvez quisesse abordar a sua própria vida nas linhas anteriores é algo indevido, entretanto ao observar o próprio título do poema é perfeitamente aceitável enxergar dele mesmo ali dentro, embutido, "escondido" e querendo ser visto simultaneamente.

Os cenários nordestinos mais rurais também foram alvos de criação e inspiração poética do autor. A natureza está presente em qualquer parte do mundo, mas na poesia "Deslumbramento", alguns detalhes explicitam o cenário do nordeste, é uma visão específica. O caboclo que canta o "juazeiro copado", a inclusão do próprio sertanejo, que se transformaram em pura poesia.



Quando o céu está chorando,  
 Molhando toda a campina  
 E o caboclo está cantando:  
 É poesia “nordestina.”.

Um por de sol cor de rosa,  
 Uma lua cristalina.  
 Uma viola chorosa:  
 É poesia nordestina.

Um bem-te-vi perseguindo  
 Grande ave de rapina,  
 Ao longe ovelhas balindo:  
 É poesia nordestina.

Um juazeiro copado,  
 Onde a passarada trina.  
 Gado na sombra deitado,  
 É poesia nordestina.

Enquanto a seca não vem,  
 E ao sertanejo alucina:  
 O Sertão, que tudo tem,  
 Seduz, encanta e fascina!  
 Abismado com o sadismo

(FRANCO, 1983, p. 22)

João da Silva Franco faz parte da literatura sergipana, e ela foi iniciada pelo verso, que é algo que indubitavelmente agrada muito pelo seu ritmo, pelo rima e pela sua musicalidade. Ele punha vida em suas poesias num cenário genuinamente sergipano, autêntico, visível.

“Laranjeiras de “Iorné””.  
 Por doação também minha:  
 És bonita de encantar  
 E feliz por ostentar  
 O Solar de Sant “aninha!”.

O fato de não ter nascido em Laranjeiras não lhe tira o mérito de cidadão Laranjeirense. A sua idolatria pela cidade é transparente em suas obras.

O trabalho de João Sapateiro, assim como o de muitos outros escritores sergipanos não teve nem tem grande repercussão nas escolas de Sergipe. A literatura sergipana não é difundida e a dificuldade em seu acesso é notória.

A história da literatura sergipana é antiga. Existem pesquisadores e historiadores que retrataram e publicaram as várias vertentes dessa literatura, que traz em seu bojo muita riqueza.

As obras de João Sapateiro foram escritas entre as décadas de 50 e 70, aproximadamente. Nesse período, ocorre na literatura Sergipana um engajamento artístico forte, além do pós-modernismo, movimento que perdura até os dias atuais. O movimento cultural de Sergipe é fundado em 1953 e o Clube da Poesia em 1955.

No auge de sua produção literária, na década de 70, literariamente está presente o pós-modernismo, porém as influências realistas e românticas nas obras de João Sapateiro são muito evidentes.

Como parêntese, oportuno é esclarecer: as divisões e subdivisões literárias não são estanques nem rigorosamente delimitadas. Ao contrário: penetram-se, interpenetram-se e rompem a todo instante as fronteiras estabelecidas, sendo por assim dizer, mero artifício didático de que servem os historiadores para dar uma cosmovisão do fenômeno literário no tempo e no espaço. (LIMA, 1971, p. 90).

Jackson da Silva Lima, autor da citação acima é escritor e historiador sergipano. Tal citação se faz oportuna para se entender que um autor transcende a sua época. Não significa dizer que uma determinada época irá influenciar na obra de quem a escreve, qualquer escritor pode receber qualquer tipo de influência a qualquer momento, em qualquer hora.

No preâmbulo de seu livro “Verdades” ele escreve a razão porque escreve.

“Escrevo unicamente por amor às letras, pois quem é um simples consertador de sapatos não pode ter a pretensão de ser intelectual”. (FRANCO, 1981).

Em algumas de suas poesias ele enaltece o folclore sergipano, que sempre foi tido como sendo rico em suas manifestações folclóricas. Entretanto é indiscutível a escassez de trabalhos mais sistematizados; voltados para as artes e a cultura.

A ligação de João Sapateiro com a literatura pode ser percebida nas linhas que escreveu, mas sua ligação real nessa história literária ainda é muito questionável, pois ele é muito pouco citado em nossa literatura, mesmo já tendo tido algumas projeções, inclusive no exterior, mas o acesso a qualquer um de seus poemas ainda é algo difícil. Daí a questionabilidade em relação a sua ligação real com a literatura de Sergipe, já que é dificultoso estender até mesmo uma crítica a algo ao qual se desconhece. É possível tentar avaliar suas obras através de seus conteúdos, co-relacionando-os ao contexto histórico, social ou político da sua época, contudo é pouco viável uma análise minuciosa de seus trabalhos a partir de um embasamento teórico sólido; já que há uma ausência da divulgação de obras sergipanas.

A dificuldade de se estudar a própria literatura sergipana, conseqüentemente a própria literatura sergipana, conseqüentemente gera o difícil acesso aos escritores; mas a sua história poderia proporcionar visões interessantes em profundidade. O livro “História da Literatura Sergipana”, de Jackson da Silva Lima, retrata vários ângulos, várias vertentes da literatura sergipana, entretanto o seu acesso não é fácil, e nele não contém informações sobre o poeta João Silva Franco.

Na poesia, ocorrem alguns agrupamentos de autores sergipanos. Essa distribuição acontece através de: poemas em ordem cronológica, poetas em grupos distintos, poetas em

ordem cronológica de nascimento e poetas filiados ao Clube Sergipano de Poesia. João Silva Franco não faz parte dessas filiações.

Um sentimento de rejeição pode ser percebido claramente em seus poemas, já que o “eu biográfico” do escritor se faz tão presente. João Sapateiro escreveu poemas para a sua esposa, filhos e amigos, além de escrever para ele próprio. A descrição de que sua vida não fora alegre é transcrita em seus versos.

Janete estou bem contente  
E venturoso, porquê  
Ganhei de Vera um presente,  
E este presente é você.

Agora, no fim da vida,  
Meu coração remoçou;  
Só porque, filha querida,  
Para mim você chegou.

Já faço muita questão,  
Questão para não morrer;  
Porque já tenho razão,  
Grande razão pra viver!

Este ser que antes não tinha  
Sorrisos nem vida boa:  
Por lhe ter ganho, filhinha,  
Anda até sorrindo à toa...

Seus lindos olhos, menina,  
Iluminam minha trilha.  
E hoje tudo me fascina,  
Porque tenho minha filha.

Louvado seja o momento,  
 Em que nasceu Janetinha;  
 Que trouxe contentamento  
 Para a triste vida minha.

(FRANCO, 1970, p.11)

Nossas vidas são iguais,  
 Você na beira do cais,  
 Se acaba na soledade;  
 E eu definho no ostracismo,  
 Abismado com o sadismo  
 Da tirana humanidade.

(FRANCO, 1983, p. 10)

Ele próprio descrê a sua dor diante das tristezas porque passou, fala da sua vida atual sem a visão, ficou cego há oito anos e desde então tem procurado se adaptar a sua nova situação. A sua insatisfação é nítida, o sentimento de rejeição e solidão, assim como a sensação de que fora esquecido.

Sinto-me muito só. Gostaria de poder descer e ver o pôr do Sol, mas não consigo. É ruim não poder enxergar, só consigo perceber um pouco de clareza quando abro a janela pela manhã. É muito bom receber pessoas aqui em minha casa, sinto muito prazer em conversar. (FRANCO, 2006)

Na biblioteca da cidade de Laranjeiras também quase não há informações sobre o poeta. Muitos dos arquivos e produções foram perdidos por João Sapateiro na enchente do Rio Cotinguiba, como as correspondências de seus informantes internacionais.

A grande riqueza está no som da sua própria voz, que é o berço de todas as informações que se pode obter. Possuidor de uma memória invejável, o escritor relata fatos antigos

com minúcias e muita clareza, além do saudosismo. A sua visão realista e romântica perpassa suas obras, ela é perceptível no seu olhar, na sua voz, quando fala de seus filhos; do passado. Ao mesmo tempo em que ele transparece certa tristeza pelos sofrimentos pelos quais passou o autor também exala uma alegria adormecida, um prazer pelo simples fato de estar falando.

A sua literatura foi breve, ainda é pouco conhecida. E indubitavelmente é um ponto de reflexão; um questionamento sobre a ausência da literatura sergipana na vida dos estudantes. Um questionamento acerca da necessidade de se conhecer uma cultura que é local que existe, mas que não é percebida, não é vista. E muitas vezes não basta enxergar somente com os olhos, é preciso deixar que o coração veja.

João Sapateiro não enxerga mais com os seus olhos, mas a sensibilidade permanece inalterada, juvenil e inocente, guardada e escondida num pequeno sobrado em Laranjeiras.

A literatura sergipana existe, embora seja ainda tão desconhecida inclusive por pessoas cultas, que buscam o conhecimento. Vários poetas permanecem desconhecidos, e suas obras encontram-se em museus históricos ou bibliotecas públicas, um fato lastimável.

João Silva Franco, poeta sergipano, faz parte do corpo de sergipanos ilustres que, assim como ele não são muito lembrados, já que a literatura sergipana é tão pouco difundida. Essa falta de divulgação faz com que o acesso a escritores locais seja difícil.

A literatura sergipana precisa ser mais conhecida; uma possível solução seria acrescentá-la nas escolas; dentro do currículo habitual. Poetas e escritores que se dedicaram à arte de escrever precisam ser mais valorizados, ou pelo menos reconhecidos. É inaceitável que um acadêmico, sobretudo da área das letras, desconhecer uma literatura de sua terra, que faz parte de suas origens, sua história.

Novas pesquisas precisam ser executadas no âmbito da história literária sergipana; que é tão rica quanto qualquer outras. Isso requer sensibilidade, ou pelo menos um sentimento mínimo de curiosidade, e infelizmente essas características ainda são pouco comuns.

João Sapateiro não se tornou um marco da literatura, suas poesias são pouco conhecidas, mas é indiscutível e indubitável a sua existência na história sergipana.

Poucos são os vestígios deixados pela sua irreverente poética. O seu vocabulário não é imensurável, assim como também não é aclamado pelas críticas, mas o seu “amor às letras” ainda prevalece, a sua humildade continua intacta, transcendendo no tempo, podendo ser vista tanto numa poesia escrita há muitos anos como nos dias atuais, em sua própria sala.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41ª ed. Ed. PENSAMENTO COLARES – São Paulo, 1994.

FRANCO, Joselito de Jesus. **Coisas do Coração** – João Sapateiro, Ed. Print Gráfica – Aracaju, 2005.

FRANCO, João Silva. **Verdades**. Coleção Jackson da S. Lima – Aracaju, 1982.

LIMA, Jackson da Silva. **História da Literatura Sergipana**. VOL.I. – Aracaju, 1971.

LIMA, Jackson da Silva. **Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe** – Aracaju, 1984.



## **JOÃO SILVA FRANCO**

**“João Sapateiro”**

